

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL – 16º COLE

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO OCIDENTE CAROLÍNGIO

Priscila Sibim de Oliveira –PPE/ UEM – Maringá – PR
Terezinha Oliveira –DFE/PPE/ UEM – Maringá – PR

Resumo: O objetivo da comunicação é enfatizar a importância da leitura no processo de formação dos intelectuais do século IX por meio da análise de um texto de Alcuíno intitulado *“Diálogo entre Pepino e Alcuíno”*. O documento nos fornece uma amostra do ensino neste período bem como nos apresenta a formação intelectual de seu autor. Por ser um mestre leitor, Alcuíno apropria-se do conhecimento antigo, torna-o prático para sua época e expressa uma significativa contribuição no processo de restauração das letras do Império Carolíngio. Neste momento da história a leitura assume um papel fundamental é por meio dela que os intelectuais irão salvaguardar toda cultura produzida pelos grandes teóricos da antiguidade.

Palavras – chave: Leitura, História, conhecimento.

Introdução

O Império Romano, símbolo de força, poder, cultura e desenvolvimento na Idade antiga vivenciou períodos de crises e, posteriormente uma ruína inevitável. Dentre vários motivos que levaram a este acontecimento, as invasões dos povos nômades foi o que contribuiu de forma significativa com o processo de desestruturação da sociedade romana. Na busca constante para salvaguardar a vida, as tribos germânicas se instalavam aos arredores do Império e utilizavam para isso o único recurso aprendido no interior de suas tribos, ou seja, a força. Para uma sociedade que já estava em crise, o saque, a pilhagem e a destruição de alguns territórios foram fatores que enfraqueceram definitivamente o Império Romano.

O povo Franco foi uma das tribos germânicas que apresentaram uma maior aculturação em relação aos romanos. Talvez este seja o motivo pelo qual este povo estabeleceu o reino mais duradouro constituído de duas dinastias: a dos Merovíngios e a dos Carolíngios que corresponde ao período que será abordado no presente trabalho.

Carlos Magno foi o mais importante imperador do reino franco. Ele apresentou uma significativa disposição para organizar o seu império e resolveu dar início ao seu intento a partir de um novo direcionamento educacional. E para que seus objetivos se tornassem reais, este imperador convidou vários intelectuais que

tinham, duas grandes e importantes missões: preservar a herança cultural herdada da Grécia e de Roma e transmitir conhecimentos aos povos iletrados, que desde o século V tomaram o lugar da civilização romana. Dentre estes mestres medievais, Alcuíno de York (735-804) foi chamado para ministrar aulas na escola palatina e, principalmente, para educar o filho de Carlos Magno, o futuro imperador da dinastia Carolíngia.

Alcuíno tornou-se um dos mestres mais importantes da Escola Palatina por ser um distinto organizador e pelo seu comprometimento com as questões educacionais do palácio. Os intelectuais da Idade Antiga bem como o conhecimento mais novo que havia no período, o cristianismo, influenciaram diretamente este filósofo anglo-saxônico. E estas influências, devidamente moldadas à sua época, contribuíram significativamente no processo de restauração das letras no Império Carolíngio.

O grande anseio deste mestre era fazer reviver o estudo que havia declinado entre o povo e isto só seria possível mediante zeloso estudo e leitura daqueles que legaram importantes descobertas sobre os mais variados assuntos na antiguidade. Em uma de suas cartas enviadas a Carlos Magno ele demonstra o seu grande anseio: “Construir na França uma nova Atenas (*forsan Athenae nova perficeretur in Francia*)” (GILSON, 1995 p. 230).

E Carlos Magno em uma contundente advertência pronunciou em uma de suas cartas:

Impomo-nos a tarefa de fazer reviver, com todo o zelo de que somos capazes, o estudo das letras, abolido pela negligência de nossos antecessores. Convidamos todos os nossos súditos, na medida em que são capazes, a cultivarem as artes liberais do que lhe damos o exemplo. (GILSON, 1995 p. 225)

Alcuíno estava diretamente ligado a Carlos Magno. Além dos vínculos da corte, Eleanor S. Duckett em seu livro *Alcuin, friend of Charlemagne* nos apresenta este abade quase como um membro da família. Diante disso é possível perceber que Alcuíno estava por detrás de todas as decisões, pelo menos as que se destinavam à educação no palácio.

Nesta família Alcuino dirigi e inspirou o rei. Ele encontrou um lugar de professor, conselheiro, pai e amigo. Ele viu crescer e conheceu cada membro e amou cada um individualmente através de um gênio especial para a amizade. Para cada um ele deu carinhosamente um nome que veio a ser usado em geral na corte (DUCKETT, 1951; trad. Livre).

A formação baseada nos estudos clássicos e a grande influência dos ensinamentos cristãos desenvolveram em Alcuíno a capacidade para ocupar um cargo de tanta responsabilidade. Vejamos algumas evidências da presença do conhecimento antigo nos escritos de Alcuíno e de que forma que este conhecimento foi preservado.

O sagrado e o profano na preservação do saber

A sociedade romana do século V encontrava-se imergida em um caos que atingia todos os setores, principalmente a dos líderes e governantes. O povo tornou-se subjugado pelas classes ricas e em vários momentos preferiu aliar-se aos povos nômades que aos poucos se infiltravam no império. Esta crise despertou diferentes reflexões por parte dos estudiosos da época. Le Goff cita Salviano, monge do período, que descreve em palavras contundentes a situação social da época:

Os pobres estão despojados, as viúvas gemem e os órfãos são pisados a pés, a tal ponto que muitos, incluindo gente de bom nascimento e que recebeu educação superior, se refugiam junto dos inimigos. Para não perecer à perseguição pública, vão procurar entre os Bárbaros a humanidade dos Romanos, pois não podem suportar mais, entre os Romanos, a desumanidade dos Bárbaros. São diferentes dos povos onde se buscam refúgio; nada têm das suas maneiras, nada têm da sua língua e, seja-me permitido dizer, também nada têm do odor fétido dos corpos e das vestes dos Bárbaros; mas preferem sujeitar-se a essa dissemelehança de costumes a sofrer entre os Romanos, a injustiça e a crueldade.
(...) gostam mais de viver livres sob aparência da escravidão que de ser escravos sob a aparência da liberdade. (LE GOFF, 1983 p. 36).

Entretanto, mesmo em meio ao caos, a Igreja apresentou-se como uma instituição mais organizada que as demais. Representada pelos mosteiros, a Igreja cumpriu um papel fundamental, pois, além de preservar a integridade física dos indivíduos que dela se aproximavam, também se ocupou de preservar a integridade intelectual. Na opinião de François Guizot, foi ela que mais contribuiu na organização da sociedade da época, bem como favoreceu o desenvolvimento das sociedades posteriores no sentido de produzir a unidade entre os homens. Em suas palavras:

Na sociedade civil, nada de governo; a administração imperial caiu, a aristocracia senatorial caiu, a aristocracia municipal caiu; a dissolução estava em toda a parte; o poder e a liberdade são atingidos pela mesma esterilidade, pela mesma nulidade. Na sociedade religiosa, ao contrário, manifesta-se um povo muito animado, um governo ativo. As causas da anarquia e da tirania são numerosas; mas a liberdade é real e o poder também. Por toda a parte encontram-se e se desenvolvem os germens de uma atividade popular muito enérgica e de um governo muito forte. É em uma palavra, uma sociedade cheia de futuro, de um futuro agitado, carregado de bem e de mal, mas poderoso e fecundo. (GUIZOT, Apud OLIVEIRA 1999 p. 4).

Ao contrário da educação antiga, o cristianismo propunha um novo modelo de educação que tinha como objetivo formar o indivíduo de forma integral, ou seja, um ensino diferente da sociedade antiga que ia além das instruções dada por diferentes professores, com o objetivo de formá-lo para a sociedade. Ao fundar as escolas monacais, a Igreja queria envolver o aluno em um ambiente em que nada o

distraísse, para que as verdades que iriam educar a sua alma o tornassem um homem que refletisse em sua prática os ensinamentos cristãos.

O isolamento dos mosteiros favoreceu, como já foi mencionado, a preservação da cultura antiga. Contudo, os religiosos conviviam com uma contradição. Apesar de prezarem pelo ensino fundamentalmente baseado nas Santas Escrituras, a cultura presente era a pagã, o que favorecia a infiltração de conceitos profanos no ensino cristão. Os monges, ao se dedicarem ao estudo do latim, que era a língua da Igreja, automaticamente se deparavam com um fato inevitável, ou seja, o contato com as obras antigas de literatura latina. Durkheim levanta questões sobre o assunto:

[...] o ensino supõe uma cultura, e não havia então outra cultura senão a pagã. A Igreja tinha, pois, a obrigação de apropriar-se a ela. O ensino, a preédica, supõem, em quem ensina ou prega, uma certa prática ou língua, uma certa dialética, um certo conhecimento do homem e da história. Ora onde encontrar esses conhecimentos, senão nas obras dos antigos? (DURKHEIM, 2002 p. 29).

O documento intitulado *Diálogo entre Pepino e Alcuíno*, datado do século IX, nos fornece uma amostra do ensino ministrado na escola do palácio. Esta obra evidencia a importância que os mestres atribuíam ao “lúdico” no processo ensino-aprendizagem, bem como possibilita uma compreensão da fusão entre conceitos pagãos e cristãos. Vejamos alguns exemplos:

Quem gera a palavra? (Fala 5)
A língua (Fala 6)
O que é a língua? (Fala 7)
O chicote do ar (Fala 8)
O que é o ano? (Fala 131)
A quadriga do mundo (Fala 132)
E quem a conduz? (Fala 133)
A noite e o dia, o frio e o calor. (Fala 134)
E quem dirige as rédeas? (Fala 135)
O sol e a lua. (Fala 136)
Quantos são seus palácios? (Fala 137)
Doze. (Fala 138)
Quem são os governantes dos palácios? (Fala 139)
Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. (Fala 140)
(LAUAND, 1986)

Muitas das charadas feitas por Pepino, filho de Carlos Magno, a Alcuíno apresentam respostas do mestre com uma influência significativa das Sagradas Escrituras. Nas falas de 5 a 8 é possível verificar que o significado dado à palavra língua é semelhante às menções que são feitas na bíblia sobre esta parte do corpo que é capaz de edificar a outrem ou o contrário. Muitas referências são encontradas no livro de Salmos: "Guarda a tua língua do mal, e os teus lábios de falarem o engano." (Salmos 34,13). Em provérbios também há admoestações semelhantes: "Há alguns que falam como que espada penetrante, mas a língua dos sábios é

saúde" (Provérbios 12,18). E nos livros do novo testamento como o livro de Tiago, por exemplo, também encontramos versículos que advertem sobre o mau uso da língua fazendo a representação da mesma, como algo que pode ferir outra pessoa assim como Alcuíno o fez. "A língua também é um fogo; como mundo de iniquidade, a língua está posta entre os nossos membros, e contamina todo o corpo, e inflama o curso da natureza, e é inflamada pelo inferno." (Tiago 3,6).

Já nas falas 131 a 140 é evidente um conhecimento elementar sobre a ciência astrológica, que envolvia conceitos matemáticos combinados com o misticismo oriundos de Pitágoras (570-495a.C). Outros exemplos presentes no documento evidenciam o conhecimento de Alcuíno sobre os pré-socráticos e outros clássicos da filosofia antiga. Podemos perceber no decorrer do diálogo que este filósofo adquiriu por meio da leitura e do estudo um conhecimento tanto da cultura antiga como do que havia de mais novo no momento, ou seja, o cristianismo. E este é um dos pontos que marcam a diferença entre o ensino na antiguidade e na medievalidade e, diante disso, é possível perceber que "Muitos bispos cristãos das Gálias formaram-se nessas escolas, aprenderam nelas a apreciar a literatura antiga e, portanto, esforçaram-se para conciliar o culto das belas letras com as exigências da nova fé" (DURKHEIM, p. 37).

Para que houvesse leitores era preciso ter em mãos as obras, fossem elas de natureza sagrada ou profana, e isto só foi possível devido a uma das ocupações mais importantes que os monges tinham dentro dos mosteiros, o ofício de copistas. Estes colaboraram de forma significativa na preservação da literatura latina e cristã.

Cada convento beneditino possuía a sua biblioteca e um *scriptorium* ou sala de copistas, onde os monges reproduziam textos antigos. Harmonizavam sua divisa – *ora et labora* – com trabalho manual, intelectual e oração.

As escolas monacais e os mosteiros não viviam isolados. Além da troca epistolar, matinham intercâmbio de códices, os quais eram copiados para enriquecer os tesouros das bibliotecas. Salvaram-se, assim, muitas obras, que, sem o labor persistente dos monges, para sempre teriam desaparecido. Graças a eles, sobreviveram as humanidades clássicas (ULLMANN, 2000, p. 35-37)

Muitos estudiosos da época, preocupados com a integridade das obras escreveram algumas recomendações aos que se ocupavam da arte da reprodução literária por meio da cópia. Cassiodoro (485-580), fundador do mosteiro de Vivarium demonstrou esta preocupação, pois era admirador do trabalho dos copistas. A consideração que tinha por esta função advinha principalmente da função social que os monges "trabalhadores" desempenhavam, pois, a respeito da pregação do evangelho, o livro era eficaz e seu conteúdo era capaz de penetrar nas mentes dos homens, mesmo que seus autores não estivessem presentes. Nas palavras de Cassiodoro:

Quanto a mim, eu vos manifesto minha predileção: entre as tarefas que podeis realizar com esforço corporal, a dedicação dos copistas, se escrevem sem erros, é - e talvez não injustamente - o que mais me agrada. Pois,

relendo as Escrituras divinas, instruem de modo salutar sua mente e copiando espalham por toda parte os preceitos do Senhor.

Pois Satanás recebe tantas feridas quantas são as palavras do Senhor que o copista transcreve. Ele, permanecendo em seu lugar, percorre diversas províncias com a dissimilação de suas obras. Seu trabalho é lido em lugares santos. Os povos ouvem e podem renunciar à sua vontade perversa e servir o Senhor com mente pura. Com seu trabalho, ele age, mesmo estando ausente(CASSIODORO, Instituições, cap. 30).

Esta preocupação com o trabalho dos copistas novamente tomou vitalidade no Renascimento Carolíngio, no século IX. Alcuíno possivelmente foi influenciado por Cassiodoro e no processo de elaboração e revisão das capitulares¹ promulgadas por Carlos Magno é possível perceber algumas recomendações. Contudo, estas tinham um caráter um pouco diferente, pois a grande preocupação do rei era preservar a coerência dos livros principalmente no que diz respeito à ortografia e gramática. Nas palavras do imperador:

[...] Para tanto criem-se, em todos os mosteiros e episcopados, escolas para que sejam instruídos meninos nos salmos, escritos, cantos, cômputo, gramática, e livros católicos isentos de erros; porque, muitas vezes, ao desejarem alguns fazer bons pedidos a Deus, fazem-no mal por causa dos erros que contém os livros. Não consintais que vossos filhos, lendo-os ou copiando-os façam-no com erros; e se for necessário fazer cópias dos evangelhos, dos salmos e do missal, seja este ofício feito por homens maduros e feito com toda diligência (ADMONITIO, apud VITORETTI 2004, p. 116).

A influência de Cícero na prática pedagógica de Alcuíno

Outra grande influência de Alcuíno foi Marco Túlio Cícero (Arpino, 106 – Caieta, 43 a. C). Defensor das sete artes liberais que considerava a eloquência o elemento fundamental que deveria ser desenvolvido em todo homem, inclusive do líder. Contudo, esta eloquência tinha que ser acompanhada de sabedoria, pois “é possível ser filósofo sem ser eloquente, mas não eloquente sem ser filósofo, o ideal humano que se deve perseguir é o do *doctus oratur*, o orador instruído (*De oratore*, III, 142,3 In: GILSON, p. 205).

Alcuíno preocupou-se com a formação do líder de forma semelhante a Cícero. Ele foi responsável por instruir Carlos Magno em várias competências, inclusive a da retórica, além de se tornar educador de seu filho Pepino, o futuro imperador da dinastia Carolíngia. É possível verificar a influência, mas é conveniente levar em conta a diferença cultural e social em que Alcuíno e Cícero viveram. Alcuíno enfatiza o estudo da retórica das setes artes liberais, mas dentro de um outro contexto, o cristão. Já Cícero apresenta em seus escritos a filosofia como um

¹ As capitulares “são dispositivos jurídicos de caráter geral, destinados à aplicação em todo o Império” (LYON 1997 Apud VITORETTI 2004, p. 103).

conhecimento fundamental que o líder deve desenvolver. Sobre Cícero, Gilson afirma:

Já que se trata de formar líderes, o futuro orador deverá antes de mais nada possuir a fundo a ciência do direito, que será sua técnica própria, mais uma massa de conhecimentos diversos, como a filosofia (dialética e ciência dos costumes, a história, as belas – letras, em suma, toda essa *eruditio* que constitui a bagagem de um espírito culto (GILSON, 1985 p. 206).

Alcuíno foi autor de outro diálogo cujo título é “Debate sobre a retórica e sobre as virtudes do sapientíssimo rei Carlos e do mestre Alcuíno” (*Alcuin: disputatio de rhetorica et de virtutibus sapientissimi regis karli et albini magistri*). Este diálogo é uma aula de retórica com algumas considerações sobre as habilidades que o rei Carlos Magno deveria desenvolver. Vejamos como Alcuíno se remete ao conhecimento passado para conduzir a sua aula:

C..Introduze-me, mestre, antes de mais nada no estudo dessa arte.
A. Fá-lo-ei com a autoridade dos antigos. Com efeito houve, dizem, um tempo em que os homens vagavam pelos campos a esmo, à maneira das bestas, nada fazendo orientados pela razão; quase tudo faziam com a força corporal. Ainda não havia o culto de uma religião divina nem o senso do dever, mas o homem, levado pala cega, temerária e dominadora cobiça, abusava das forças do corpo para satisfazer-se. Naqueles tempos alguém, certamente um homem importante e sábio, percebeu que talento tinha o homem e de quantas realizações ele seria capaz, se alguém o pudesse orientar e aperfeiçoar ordenadamente. Este sábio compeliu, de alguma maneira, os homens dispersos pelos campos e acostumados a recolher-se em abrigos silvestres e induziu-os a alguma coisa útil e honesta, tornando-os de ferozes e crueis em pacíficos e tratáveis, a eles que de início reclamavam da novidade que se introduzia, mas depois passaram a ouvir com mais atenção, graças às palavras de convencimento. A mim, senhor meu rei, parece-me que uma sabedoria inerte (inativa) e carente de palavra não poderia remover subitamente os homens de seus antigos costumes e orientá-los para uma nova maneira de viver.

(ALCUIN: DISPUTATIO DE RHETORICA ET DE VIRTUTIBUS..., tradução Profº Aluyzio Fávaro).

A forma como Alcuíno introduziu a explicação é muito semelhante às considerações que Cícero faz ao afirmar que o homem se difere dos animais apenas pela linguagem e por este motivo tal habilidade deve ser muito bem desenvolvida. O filósofo antigo também atenta à sabedoria como elemento fundamental ao líder, e no excerto apresentado Alcuíno considera Carlos Magno um sábio. No entanto, a sabedoria ausente de boa expressão não é capaz de direcionar os homens à caminhos diferentes.

É fundamental enfatizar o papel da leitura diante deste quadro. Alcuíno, ao ler as obras de Cícero, um autor da idade antiga, pôde direcionar a sua prática pedagógica no século IX ensinando um líder sobre a ciência do Direito fundida com a sabedoria cristã e a arte do bem falar. O mestre foi capaz de aplicar à sua

realidade um conhecimento já produzido por seus antecessores e isto só foi possível por meio da leitura.

Virgílio: um possível influenciador do mestre Alcuíno.

Os poetas antigos também foram lidos por Alcuíno. Dentre muitos, Virgílio é sempre citado como uma das fontes que influenciou este filósofo anglo-saxão. A presença de tal influência talvez não seja nítida em suas obras, mas a historiografia nos assegura que Alcuíno lia os escritos deste autor pagão, mas que ao se tornar mestre vetou aos seus alunos tal acesso. Nas palavras de Etienne Gilson:

A antiga *Beati Flacci alcuini vita* apresenta-nos o jovem Alcuíno como preferindo Virgílio aos Salmos (*Virgili amplius quam psalmorum amator*) e recusando-se a abandonar sua cela, onde lia a Eneida às escondidas, para assistir ao ofício noturno (Pat. Lat, t. C, col. 91-92). (GILSON, 1985 p. 232)

A Eneida é poema que começou a ser escrita por Virgílio no ano 29 a.C e foi inspirada na *Ilíada* e *Odisséia* de Homero. Esta epopéia narra certos acontecimentos que representam a sociedade da época e por se tratar de um poema épico a exaltação da pátria e os feitos heróicos se fazem presentes nos 12 cantos que se compõe. A lenda é de um herói de nome Enéias que sobreviveu a guerra de Tróia e é considerado o primeiro ancestral do povo romano. Este personagem caracteriza, por sua fraqueza e pela inexistência da auto-suficiência dos heróis de Homero, a sociedade da qual fazia parte. Roma estava em decadência, mas, apesar disto, Enéias se apresenta como um arauto de um renascimento, pois seu autor ansiava a paz e a retomada da missão civilizadora que julgava que Roma possuía.

O livro VI é considerado como uma das partes principais do poema, pois é nele que fica evidenciado a personalidade completa de Enéias e a previsão da restauração da grandeza romana:

“Agora, volta os olhos, olha esta nação, são os teus romanos. É César e toda a descendência de Lulo que hão de vir sob a grande abóbada celeste. Eis o herói, o homem, eis aquele que ouves sempre ser comprometido. Augusto César, filho de um deus, que restabelecerá a idade de ouro no Lácio, nos campos onde outrora reinou Saturno, e levará o Império além do território dos garamanos e dos índios, terras que se estendem além dos astros, além da rota do Sol e onde Atlas, que sustenta o céu, faz girar sobre os ombros o eixo do mundo repelto de estrelas brilhantes. (VIRGILIO, p. 108-109)

Não podemos provar por meio das obras de Alcuíno a influência deste poema. No entanto, é possível perceber algo incomum entre Virgílio e Alcuíno, ou seja, o anseio por uma reconstrução social. Talvez esta obra tenha inspirado o mestre medieval a recuperar e restaurar a “idade de ouro” que o estudo representou na sociedade antiga. Mais uma vez a leitura se mostra fundamental porque, além da

instrução, inspirou novas práticas e contribuiu com a preservação da cultura favorecendo assim às sociedades posteriores.

CONCLUSÃO

Alcuíno não foi um grande filósofo e suas obras não apresentam reflexões inéditas. Contudo, por ser amante da leitura e da instrução, foi um grande mestre da sua época e seu espírito civilizador o tornou um importante personagem da história educacional, principalmente para aqueles que possuem a sensibilidade de considerar os conflitos medievais como atuais nossa sociedade. Lauand expressa com sabedoria o legado deixado pela pedagogia medieval.

No caso da experiência medieval, a cultura antiga salvou-se. Graças a um trabalho de imenso valor, mas que nós hoje não sabemos apreciar. Um trabalho humilde (e, necessariamente, pouco original) de aprendizado elementar. Um trabalho de preservação, de salvação da cultura antiga, conservando-a sob a forma de “minúsculas sementes que iriam sofrer longo e demorado processo germinativo em solo novo” (Pieper). (LAUAND, 1986 p. 23)

Alcuíno, com uma prática pedagógica inteligente, foi capaz de transmitir aos povos nômades, analfabetos e sem cultura tudo aquilo que teve oportunidade de aprender com os antigos e com os cristãos. Atualmente, talvez estejamos precisando de outros “Alcuínos” que, apaixonados pela educação, não meçam esforços para conservar ou fazer renascer uma instrução capaz de modificar o indivíduo de forma integral e torná-lo apto a viver em sociedade.

REFERÊNCIAS

ALCUIN: DISPUTATIO DE RHETORICA ET DE VIRTUTIBUS SAPIENTISSIMI REGIS KARLI ET ALBINI MAGISTRI. Disponível em <<http://www.thelatinlibrary.com/alcuin/rhetorica.shtml>>. Acesso em: 20 de Maio de 2007. Tradutor: Aluysio Favaro.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução: João Ferreira de Almeida. 43. ed. Rio de Janeiro. Imprensa bíblica Brasileira, 1980.

CASSIODORO, *Sobre os copistas e a recordação da ortografia* - Cap. 30. In: LAUAND (Trad.) *Cassiodoro e as Institutiones: o Trabalho dos Copistas*. Disponível em <www.hottopos.com>. Acesso em: 26 de Junho de 2007

DURKHEIM, E. *A Evolução Pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DUCKET, Eleanor. *Alcuin, friend of Charlemagne*. The Macmillan company. New York; 1951

GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. Martins Fontes: São Paulo, 1998.

GUIZOT, François. O estado da sociedade religiosa no século V. Org. Terezinha Oliveira. Apontamentos nº 77 Janeiro 1999.

LAUAND, Luiz Jean. *Educação Teatro e Matemática Medievais*; São Paulo. Perspectiva. Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

LE GOFF. A civilização do Ocidente medieval. Vol. I,. Imprensa universitária. Editorial estampa. 1983, Lisboa.

VITORETTI, Regiani Aparecida. *Carlos Magno e as propostas de reforma social e educacional (final do século VIII e início do século IX)*. Maringá: s/n, 2004.

VIRGÍLIO. *Eneida* (texto integral). Martin Claret; São Paulo, 2005. p. 11-45

VIRGÍLIO. *Eneida* (texto em prosa). Ediouro; Assis, s/d. Livro VI